



Indisciplina Escolar: Um entrave para a Aprendizagem?

Magda Maria de Oliveira¹; Geanne Maria Costa Torres²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os fatores que ocasionam a indisciplina escolar como possível entrave na formação do técnico em enfermagem, em uma escola da rede estadual do Ceará. Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, realizado com a turma do 2º ano do curso "Técnico em Enfermagem", no período de março a abril de 2016. Pelos resultados, evidenciamos que a indisciplina em sala de aula prejudica o processo de ensino-aprendizagem, tendo como consequência diversos fatores, como falta de respeito, desinteresse, brincadeiras fora de hora e muitas conversas que ocasionam prejuízos nas aulas e na construção de novas aprendizagens. Além disso, destacamos a importância do diálogo e da relação professor-aluno como essenciais na condução da (in)disciplina em sala de aula. Registramos, então, a importância do processo de formação do professor e das parcerias com a família e demais segmentos da sociedade como medidas interventivas fundamentais para minimizar seus efeitos negativos e abrir caminhos que instrumentalizam e potencializam para um novo atuar em sala de aula, substancial para proporcionar uma educação significativa e transformadora aos nossos alunos.

Palavras-chave: Indisciplina. Educação Profissional. Técnico em Enfermagem. Aprendizagem.

Indisciplina School: an Entrance for Learning?

Abstract: This article aims to analyze the factors that cause school indiscipline as a possible obstacle in the training of the nursing technician in a school of the state network of Ceará. This is a descriptive study with a qualitative approach, of the type of experience report, carried out with the 2nd year class of the "Nursing Technician" course, from March to April 2016. Based on the results, it is evident that the indiscipline in The teaching-learning process, resulting in a number of factors, such as lack of respect, lack of interest, out-of-hours jokes, and many conversations that lead to class losses and new learning. In addition, we emphasize the importance of dialogue and the teacher-student relationship as essential in the conduct of (in) discipline in the classroom. We then record the importance of the teacher training process and partnerships with the family and other segments of society as key intervention measures to minimize their negative effects and to open up ways that instrumentalize and potentiate for a new classroom activity, substantial for provide meaningful and transformative education to our students.

Keywords: Indiscipline. Professional Education. Technical Nursing. Learning.

¹ Pedagoga. Mestranda em Educação pela Anne Sulyvann University. E-mail: magda.m.oliveira@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: gmctorres@hotmail.com



Introdução

A indisciplina escolar tem sido alvo de inúmeras discussões entre os educadores brasileiros dos diferentes níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, conforme podemos comprovar nos estudos realizados por Aquino (1996), Garcia e Alberti (2008) e Torres (2008). Então, abordar essa temática é reforçar a necessidade de provocar mudanças na condução da prática pedagógica que contribuam na superação dos entraves para o processo de ensino-aprendizagem.

Com destaque, Rego (1996) afirma que o comportamento indisciplinado está diretamente relacionado à ineficiência da prática pedagógica desenvolvida por meio de metodologias que subestimam a capacidade dos alunos e constantes ameaças visando o silêncio da turma.

Ao observar o cotidiano escolar, evidenciamos queixas e relatos de professores, funcionários e, até mesmo, do núcleo gestor, sobre questões alusivas à indisciplina dos alunos, como bagunça, desrespeito, brincadeiras fora de hora, falta de limites e comportamento inadequado, que se configuram como obstáculos para o desenvolvimento de práticas adequadas em sala de aula.

A esse respeito, Parrat-Dayán (2008, p. 21) cita como ações indisciplinadas “falar durante as aulas o tempo todo, não levar material necessário, ficar em pé, interromper o professor, gritar, andar pela sala, jogar papezinhos nos colegas e no professor”. Em complemento, Ceia (2011) afirma que, as agressões em sala de aula, bem como as dificuldades de socialização motivadas pela indisciplina acabam por desestabilizar a relação pedagógica, abrindo espaço para o surgimento de conflitos que podem originar reações e atitudes incongruentes.

Essa realidade é vivenciada na escola, com certa regularidade, notadamente, um desafio presente nas instituições escolares em que trabalhamos, ocasionando implicações no processo de ensino, além de desgastes e conflitos nas relações interpessoais e prejuízos à aprendizagem. Para Pereira (2009), esse problema enfrentado pelas escolas na sociedade contemporânea tem provocando grande angústia nos professores que não sabem mais como lidar com a situação.



Sendo assim, devido a magnitude que representa essa abordagem no processo de ensino-aprendizagem e nas relações interpessoais, depreendemos que esforços, tanto do ponto de vista da gestão educacional e escolar, quanto da própria prática docente e da ação compartilhada com a família e a sociedade devem ser fortalecidos para superar os entraves referentes à indisciplina escolar. Para isso, necessário se faz buscar novos caminhos, novas práticas educativas em que as dimensões no processo de ensino-aprendizagem promovam melhores condições de convivência e aprendizagem em sala de aula.

Na conjuntura atual, estamos inseridos numa sociedade liberal, espantosamente dinâmica, instável, contraditória, na qual os saberes e as práticas pedagógicas constituem-se, sem dúvida, em um verdadeiro desafio. Além disso, Oliveira e Abreu (2008) destacam que as relações sociais são complexas e passíveis de desajustes.

Para Aquino (1998), é tarefa de todos nós, principalmente dos educadores, garantir uma escola de qualidade para todos, indisciplinados ou não, com recursos ou não, com pré-requisitos ou não, com supostos problemas ou não.

Nessa perspectiva, interessou-nos a abordagem dessa temática pela importância em revitalizar as práticas em sala de aula, permitindo uma abertura humana e solidária na interação professor-aluno, sedimentada pelo respeito, escuta e compromisso na trajetória escolar.

Na nossa ótica, é necessário substituir práticas tradicionais por outras que proporcionam momentos de debate, discussão e reflexão, com o intuito de permitir maior interação e participação dos alunos em sala de aula, buscando provocar mudanças que contribuam para um clima mais harmonioso e favorável para maior aproximação dos alunos entre si, bem como de professores e alunos.

Diante disso, defendemos a premissa de que a construção de novas abordagens em sala de aula sustentada por um processo que permita a substituição de modelos tradicionais por práticas que promovam e fortaleçam o processo de ensino-aprendizagem, contribui para a diminuição da indisciplina escolar. Para Freire (2001) é possível, a escola, criar mecanismos de superação no sentido de resgatar a autonomia, independência e liberdade dos atores sociais, no caso, nossos alunos e professores, quando na instauração de uma educação emancipadora dos sujeitos.

Então, o momento urge para mudanças nas práticas pedagógicas que direcionem para um novo pensar e agir, contribuindo na criação de ambientes fecundos de ideias e vivências, na



melhoria da aprendizagem, na qualidade do ensino e no desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos e, conseqüentemente, de novas relações sociais e de inter-relações em sala de aula, no sentido da disciplina escolar. Em sendo assim, a relevância desse estudo está em vislumbrar a necessidade de um aprofundamento em torno da indisciplina escolar como entrave na formação dos alunos, a fim de impulsionar novas formas de atuar dentro do cenário educacional. É importante frisar que Jesus e Maia (2010) asseveram que, a ausência de atitude frente aos problemas de indisciplina é preocupante.

Garcia (1999) e Ghedin (2012), por exemplo, classificam a indisciplina escolar como fonte de estresse nas relações interpessoais particularmente quando associada a conflitos em sala de aula, constituindo-se num problema e tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Para Golba (2009), trata-se de um tema que ainda deve ser amplamente debatido e investigado apesar dos muitos avanços realizados neste início de século em questões relacionadas à educação.

Assim, justifica-se a escolha desse tema para investigação, por tratar-se não só do diagnóstico das causas da indisciplina escolar, na turma do 2º ano do curso "Técnico em Enfermagem" de uma escola da rede estadual do Ceará, mas também como sugestão para uma abordagem que proporcione mudanças significativas e transformadoras no campo pedagógico.

Para tanto, o estudo se fundamentou na seguinte questão norteadora: Quais fatores ocasionam a indisciplina em sala de aula? Considerando esse questionamento, estabeleceu-se como objetivo: analisar os fatores que ocasionam a indisciplina escolar como possível entrave na formação do técnico em enfermagem, em uma escola da rede estadual do Ceará.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, realizado com a turma do 2º ano do curso "Técnico em Enfermagem", da E. E. E. P. Presidente Médici, no município de Campos Sales, Estado do Ceará, no período de março a abril de 2016.

A pesquisa descritiva visa descrição das características de determinada população ou fenômeno ou ainda o estabelecimento de relações entre determinadas variáveis de investigações



empíricas. No entanto, estudos desta natureza, podem transpassar a simples identificação destas variáveis, mas, no entanto, decorrem pela determinação da natureza dessa relação (GIL, 2008).

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

Participaram do relato oito alunos, de um total de 42, após a realização de um sorteio, de forma aleatória, com a turma. Para o alcance do objetivo proposto, aplicou-se um questionário com os alunos, composto por seis questões subjetivas e de múltiplas escolhas. Lakatos e Marconi (2010) reforçam que este instrumento permite esclarecimentos verbais adicionais às questões de entendimento mais difícil. Severino (2000) reitera que o questionário consiste em traduzir os objetivos da pesquisa em perguntas claras e objetivas.

Os dados foram analisados através da categorização das falas dos entrevistados. Esta análise permite o tratamento de dados, identificando o que está sendo dito a respeito de determinado tema (VERGARA, 2005). Minayo (2014) enfatiza que [...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente).

Para a construção do relato, partiu-se para as pesquisas eletrônicas nas bases de dados PUBMED, SCIELO e LILACS, além de livros nacionais, para subsidiar na análise do problema da indisciplina escolar, com o intuito de buscar mais orientações que contribuam para a transformação dessa realidade.

Os participantes foram consultados sobre o interesse e a disponibilidade de participação no estudo, sendo esclarecidos sobre seu objetivo e sua condução e, em seguida, convidados a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, explicitando estarem cientes da finalidade da pesquisa e autorizando o uso das informações coletadas para fins científicos.



A realização das observações foi algo fundamental nesse relato, sendo realizada ao longo do desenvolvimento do trabalho junto aos alunos, na prática cotidiana dos professores da turma em questão.

Durante o estudo, não foi necessária a aprovação no Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos, pois se trata de um relato de experiência. Houve respeito aos princípios éticos contidos da Resolução 466/2012, que norteia a ética na pesquisa com seres humanos. Para garantir o anonimato, cada entrevistado foi denominado como a letra “A” (Aluno) seguido de uma numeração, conforme a ordem da entrevista.

Resultados e Discussão

De acordo com as reflexões levantadas no instrumento de coleta de dados e nas observações durante as aulas, buscamos apresentar os motivos que levam os alunos a terem atitudes indisciplinadas em sala de aula.

Aqui, serão apresentados os resultados do questionário, onde inicialmente, indagamos: “você se considera um(a) aluno(a) indisciplinado(a)”? Eis as respostas que emergiram:

Não, porque não gosto de atrapalhar a aula do professor e muito menos de zuada e barulho, pois aprendi que quando os outros estão falando devo escutar [A-01].

Não, pois sei muito bem qual o meu papel como aluno [A-03].

Sim, porque respondo os professores quando não concordo com eles [A-05].

Pelas respostas apresentadas, observamos as diferentes formas de comportamento dos alunos, os quais não se eximem da auto-identificação de como se percebem como "disciplinados" ou "indisciplinados". Dos oito alunos entrevistados, quatro deles se afirmaram como indisciplinados e com consciência desse fato.

Partindo dessa premissa, Jesus e Maia (2010) reiteram que a indisciplina necessita ser estudada a partir da percepção e das necessidades de cada grupo, não há como generalizar, pois muitos dos atos que em um grupo são considerados indisciplina em outro não são.



Para fatos dessa ordem, necessário se faz repensar as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, que tendem a tomar dimensões que culminam com a indisciplina. Essa situação é evidenciada nos depoimentos provenientes de dois alunos que se consideram indisciplinados:

Sim [me considero indisciplinado], pois existem professores que só fazem de conta que dão aula, daí atrapalho a aula mesmo [A-07].

Sim [me considero indisciplinado], pois quando não me interessa pelo conteúdo fico atrapalhando a aula [A-08].

Para Golba (2009), poderíamos entender que tais expressões de indisciplina estariam sinalizando algo que precisa ser (re)pensado, (re)feito e (re)significado dentro de sala de aula, sobretudo, na dimensão da organização das aulas e do próprio currículo.

Em complemento, Garcia (1999) reforça que é necessário, ainda, superar a noção de indisciplina que a toma apenas como uma questão de comportamento. Se a escola se preocupar somente em resolver “problemas de comportamento” nunca chegará a ver a indisciplina resolvida.

No contexto da sala de aula ainda se observa professores que utilizam metodologias que pouco interagem com os alunos, desmotivando-os e tirando-lhes o desejo de participar das aulas por não corresponder ao que esperam no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Rego (1996), o comportamento indisciplinar está relacionado com a ineficiência da prática pedagógica desenvolvida nas escolas, como: propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade do aluno, por exemplo, quando apresentam assuntos pouco interessantes ou muito fáceis, pouco diálogo, dentre outros.

Amado (2001), por sua vez, salienta que o sucesso escolar está associado a uma boa organização e gestão em sala de aula, é preciso que o professor tenha o cuidado de colocar-se no lugar do aluno no momento em que está preparando uma aula e perguntar-se se aquela aula ainda seria interessante, sendo um passo para que se possa realmente preparar uma aula mais interessante para o educando.

Nesse sentido, torna-se fundamental abolir os métodos tradicionais, tendo em vista que, pelo próprio currículo da escola, os alunos estão se tornando cada vez mais pensantes, críticos e questionadores.



Dando continuidade a análise, perguntamos aos entrevistados: “em sua opinião, quais os motivos da indisciplina na sala de aula?”, e nos deparamos com as seguintes narrativas:

A falta de respeito, de aprendizagem, de entusiasmo, falta amor com si e com o próximo que quer aprender, de motivação [A-02].

Alguns alunos mesmo adolescentes ainda faltam maturidade, outros não conseguem compreender os malefícios da indisciplina tanto para si como para outros [A-04].

Muitas conversas, brincadeiras fora de hora, etc. [A-07].

Depreendemos, então, as inúmeras causas relacionadas à indisciplina em sala de aula que precisam ser compreendidas para que o processo de ensino-aprendizagem se torne mais efetivo. Para isso, torna-se necessário transcender mudanças no planejamento das aulas, na capacidade de dialogar e dar respostas adequadas às inquietudes dos alunos.

O aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta, mas sim como aquele que não têm limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldade em entender o ponto de vista do outro e de se auto governar, que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares (REGO, 1996).

Isso pode ser corroborado por Garcia (1999), quando assevera que a indisciplina escolar não apresenta uma única causa, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas.

Garcia (1999) ressalta que na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina. Somando-se a isso, trata da mesma questão a narrativa desse aluno:

Tipo assim o professor ser mais justo, porque a gente apronta, aí já tem a fama de danado qualquer coisa é a gente [A-06].

A nossa aproximação com a sala de aula requer diálogo, gesto humano, espírito de finesse, gentileza e participação da família para abrir caminhos e outras práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento adequado no contexto escolar, fortalecendo o ensino e a aprendizagem.



Na maioria das vezes, os alunos que apresentam problemas de indisciplina provêm de famílias onde limites não existem (SILVA, 2003). Tiba (2013) destaca que filhos sem métodos nem regras a seguir e que tenham todos os seus desejos saciados, convertem-se em seres tão indisciplinados quanto forem suas vontades.

Pereira (2009) argumenta que para buscar resolver o comportamento indisciplinar dos estudantes é necessário que os pais eduquem seus filhos, preparando-os para a vida. Os mesmos devem orientar aos filhos para que respeitem limites e compreendam que outras pessoas existem, sendo que estas pessoas também têm direitos, merecendo serem respeitadas.

Nesse contexto, Carvalho e Rodrigues (2011) afirmam que é fundamental que a escola busque adquirir uma parceria família-escola, incentivando aos pais a participar e acompanhar a educação dos seus filhos, não jogar só a culpa no professor e esperar que ele resolva a educação dos seus filhos, não jogar só a culpa no professor e esperar que ele resolva sozinho. Santos e Girotti (2013) complementam também que é preciso que a sociedade se conscientize que este fenômeno, da indisciplina escolar, não é problema exclusivo da escola, e que a mesma não tem que resolver sozinha.

Buscar parcerias com a família e outros segmentos da sociedade possibilita melhorias nos atos indisciplinados, pois permitem vivências que envolvem o agir e o atuar dos alunos em sala de aula. A ação conjunta cria espaços para intervenções mais efetivas que produzam qualidade no ensino e na aprendizagem.

Continuando a análise, deparamos com respostas bastante significativas dos alunos, no tocante à temática da indisciplina em sala de aula. Ao indagarmos sobre “você considera que atos indisciplinados podem interferir na sua aprendizagem”? Os entrevistados relatam:

Sim, porque aqueles alunos que atrapalham a aula nos prejudicam, pois não adquirimos o conteúdo todo e nem de forma eficaz da maneira que deve ser [A-01].

Bastante, pois à medida que os alunos praticam atos indisciplinados na sala, fazem com que o professor pare de administrar a aula para tomar alguma decisão causando a quebra do raciocínio do professor e dos alunos que querem aprender [A-02].

Sim, porque na sala que tem indisciplina você não vai conseguir entender nada do conteúdo [A-08].

Pelos depoimentos, evidenciamos que os próprios alunos reconhecem que os atos indisciplinados prejudicam a aprendizagem, tanto aqueles considerados disciplinados quanto os



indisciplinados: *"Sim, porque quando a gente brinca, conversa, entre outras coisas, a gente perde o conteúdo"* [A-05].

Para Golba (2009), se desejamos que tais alunos avancem o senso de cidadania, será necessário prepará-los para pensar e resolver conflitos, ou teremos uma indisciplina no sentido de inabilidade para elaborar e participar das soluções para as questões sociais que perpassam a escola.

Partido desse pressuposto, torna-se imprescindível buscar caminhos que permitam o equilíbrio entre a disciplina e a indisciplina, com o intuito de melhorar o relacionamento e aprendizado no binômio professor-aluno. Santos e Girotti (2013) argumentam que o papel do professor ou do educador é reconhecer os problemas a serem resolvidos por intermédio da interação professor e aluno.

Outro ponto a destacar, baseado na perspectiva dos alunos é se "o tipo de aula dada pelo professor favorece ou não os atos indisciplinados". As falas dos entrevistados convergem para as argumentações:

Não, isso acontece porque eles mesmos não querem aprender e ainda atrapalha quem quer [A-01].

Não. Porque nenhum professor vai entrar na sala de aula para dar uma aula que não seja para o bem do aluno [A-04].

Não, porque quando o aluno quer entender o conteúdo ele consegue entender o professor [A-08].

Na interpretação das falas, depreendemos que o sustentáculo da indisciplina não é o tipo de aula, mas sim o desinteresse por parte dos alunos em querer aprender, pois, ao nos referirmos: "você acha que a disciplina e a indisciplina têm a ver com o professor, a matéria e a forma de ele dar aulas"? Eis as narrativas que suscitaram:

Não, porque o aluno que quer aprender não importa o professor, a matéria e a forma dele dar aula, ele aprende porque quer e gosta do mesmo modo e com os indisciplinados fazem porque quer e gosta [A-01].

[...] a indisciplina só está relacionada à falta de interesse do aluno [A-03].

Não, pois quando o aluno quer aprender, nada interfere nesse processo [A-05].



Para o grupo abordado a relação disciplina-indisciplina não tem relação direta com professor, a matéria e a forma de ele ministrar suas aulas: o binômio matéria-professor não provoca atos indisciplinados em sala, no ponto de vista dos alunos disciplinados.

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapasse o âmbito estritamente didático-pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teorias pedagógicas (AQUINO, 1996).

Neste contexto, para que os profissionais estejam aptos a tomarem tais atitudes é necessário que haja uma melhoria nos cursos de formação de professores para melhor auxiliá-los na gestão de sala de aula e dos comportamentos indisciplinados (BENETTE; COSTA, 2009). Daí a importância da oferta de cursos para o aperfeiçoamento dos professores na sua prática pedagógica, favorecendo, assim, a realização de um trabalho adequado e efetivo.

Na sequência, indagamos aos alunos, “quais intervenções podem ser realizadas pelo professor durante a aula para que possa diminuir e/ou melhorar a indisciplina escolar?”, eles nos repontaram:

Não existe forma melhor de resolver algum problema a não ser através de diálogo, mas há casos em que não tem mais o que o professor dialogar e cabe ao professor começar a retirar da sala esses alunos indisciplinados [A-04].

Os professores conversarem mais com os alunos sobre o conteúdo [A-07].

Pelas respostas, evidenciamos que os alunos reforçam a importância do diálogo como uma das intervenções necessárias para dirimir as lacunas da indisciplina no contexto escolar, bem como reiteram essenciais a tomada de atitudes e de ações mais efetivas: *"Agir e não só falar, tomar atitudes que sejam cabíveis, pois só falar não resolve, requer decisões prontas e eficazes, pois estes atos de alguns estão prejudicando a todos"* [A-02]. Além disso, três alunos fizeram algumas considerações sobre as práticas pedagógicas: *"Para dinamizar, que façam da aula um aprender brincando"* [A-06], reforçando ser fundamental a criação de mecanismos que favoreçam uma aprendizagem mais efetiva e participativa, onde haja maior interação entre os alunos.

Segundo Aquino (2003), a dificuldade em compreender a indisciplina como um desafio que submete ao diálogo entre as gerações escolares, a conduta desregrada dos alunos, vem sendo tomada como o principal obstáculo para o trabalho pedagógico.



O diálogo é importante em toda e qualquer relação. Diante disso, os professores necessitam fortalecer o processo de diálogo e mediação com seus alunos, substanciais à construção e à socialização de práticas, saberes e conhecimentos. O tempo urge para mudanças nas práticas pedagógicas, permeadas pelo diálogo, respeito e interatividade no atuar dentro e fora da sala de aula. Caso não haja mudanças, atos indisciplinados vão continuar acontecendo, interferindo no processo de ensino-aprendizagem.

Freire (2001), por sua vez, reforça que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar.

É importante salientar, todavia, ser necessário que se restaure a disciplina em sala de aula através de uma ação consciente e responsável, desconstruindo a noção de “receita pronta”, pois cada sala de aula é uma realidade diferente, com problemas e soluções diferentes.

Não há receitas prontas para trabalhar a indisciplina, mas capacitar professores e fortalecer a relação professor-aluno, torna-se essencial para um maior entendimento dos motivos da indisciplina, com o intuito de minimizar os efeitos negativos no processo de ensino-aprendizagem. A realidade social local, o cotidiano, a estrutura da escola, o perfil do estudante e do professor deve ser mais bem estudada para que se encontrem soluções do problema da gestão da indisciplina do professor em sala de aula (RODRIGUES; GOMES; MATOS, 2012).

De modo geral, a indisciplina apresenta-se como um importante obstáculo no processo ensino-aprendizagem, prejudicando o exercício da função docente e o aproveitamento dos conhecimentos ministrados por parte dos alunos envolvidos (BARBOSA, 2009). Trabalhar a disciplina em sala de aula aprimora o processo de ensino e aprendizagem, a qualidade do ensino e a capacidade criativa e crítica dos alunos. Quando se trabalha o binômio disciplina-indisciplina, configura-se de forma positiva na construção de novos saberes e na formação de alunos críticos, reflexivos e planejadores dos seus objetivos.

Assim, no relato em questão, depreende-se que quando a escola direciona o foco dos alunos para uma prática pedagógica reflexiva, inovadora e transformadora, tornando-os curiosos e instigando-os para a busca de novos aprendizados, reflete potencialmente no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento de alunos disciplinados, contribuindo para a instauração de uma educação emancipadora desses protagonistas.



Considerações Finais

As múltiplas dimensões que envolvem os atos indisciplinados em sala de aula nos remetem aos entraves no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, tornando-se imprescindível superar os desafios da indisciplina no contexto escolar, com o intuito de projetar melhorias na qualidade do ensino.

Na escola pesquisada, observamos vários fatores relacionados à indisciplina escolar, como: falta de respeito, desinteresse, brincadeiras fora de hora e muitas conversas que ocasionam prejuízos no decorrer das aulas e na construção de novas aprendizagens. Além disso, ressaltamos que essas atitudes não estão relacionadas ao tipo de aula ministrada pelos professores, sendo justificadas pelos alunos pelo fato de não quererem aprender.

Para dirimir esse problema, os alunos ressaltam que uma das intervenções fundamentais é o diálogo, que favorece o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes que potencializam o processo de ensino-aprendizagem, promovendo o sucesso do educando em sintonia com os conhecimentos e as transformações que a sociedade impõe a cada dia.

No grupo estudado, evidenciamos que os alunos consideram que aqueles disciplinados aprendem mais e tiram melhores notas, reforçando que a disciplina em sala de aula promove maior aprendizado. Outro ponto que merece destaque é que os atos indisciplinados não são percebidos pelos alunos como uma relação direta com o professor, a matéria e/ou a forma do educador ministrar as aulas.

Em sendo assim, ressaltamos que os fatores causadores da indisciplina escolar não são da responsabilidade de algo ou alguém, pois existe uma dimensão multifatorial relacionada a esse problema em sala de aula. Para amenizar esse cenário no contexto escolar, torna-se essencial capacitar os professores e buscar parcerias da família e de segmentos da sociedade para provocar mudanças nos problemas relacionados à indisciplina dos alunos.

Por fim, nosso intuito por meio desse relato foi o de promover um despertar para um dos grandes entraves em sala de aula - a indisciplina, na perspectiva de intervir na superação desse problema por meio de maior compreensão de suas causas e razões, com o propósito de alcançar voos mais altos em prol da tão desejada "disciplina para a aprendizagem", substancial para proporcionar uma educação significativa e transformadora aos nossos alunos.



Diante disso, registramos a necessidade dos profissionais que atuam na Educação provocarem mudanças nas práticas pedagógicas, que abrem caminhos que instrumentalizam e potencializam para um novo atuar em sala de aula. Além disso, pela importância da temática em questão, sugerimos que outras pesquisas sejam realizadas, pois ainda suscitam muitas reflexões sobre essa temática que precisam ser aprimoradas para o alcance de resultados mais efetivos no contexto educacional.

Referências

- AMADO, J. da S. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.
- AQUINO, J. G. (org). **Indisciplina na Escola Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo, Summus, 1996.
- _____. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.** vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998.
- _____. **Indisciplina: o Contraponto das escolas democráticas**. São Paulo, Ed. Moderna, 2003.
- BARBOSA, F. A. L. **Indisciplina escolar: diferentes olhares teóricos**. IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, out. 2009. Disponível em:
http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2748_1737.pdf Acesso em: 15 nov. 2016.
- BENETTE, T. S.; COSTA, L. P. da. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. SP. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf> Acesso em: 15 dez. 2016.
- CARVALHO, L. P.; RODRIGUES, E. R. **A indisciplina na escola: causas e diferentes manifestações**. Disponível em:
http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_indisciplina_na_escola_0.pdf Acesso em: 20 dez. 2016.
- CAVALCANTE, B. L. de L.; LIMA, U. T. S. de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, n. 1, p. 94-103, 2012. Disponível em:
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3447/2832> Acesso em: 06 dez 2016.



CEIA, A. A. dos R. **Um olhar de dentro: o clima de escola na perspectiva dos alunos.** Aberta, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 165 p.

GARCIA, J. Indisciplina na escola. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr., 1999.

GARCIA, J.; ALBERTI, A. R. **A indisciplina na sala de aula:** analisando a perspectiva dos alunos. In: SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 4. Curitiba, 2006, Anais... Curitiba: UTP, 2008, p. 215-226.

GHEDIN, E. **Teorias Psicopedagógicas do Ensino Aprendizagem.** Boa Vista: UERR Editora, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLBA, M. A. M. **Os Motivos da Indisciplina na Escola: A perspectiva dos alunos.** Trabalho apresentado no IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUC-PR.

JESUS, G.; MAIA, G. Z. A. **Indisciplina escolar: reflexões.** Revista de Iniciação Científica da FFC, Vol. 10, N° 1, 2010.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Metodologia científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, E.S.S.; ABREU, D.A. **Indisciplina na Escola: Um Trabalho de Intervenção com Educadores e Alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental.** Trabalho do Curso de Especialização em Gestão Escolar. 2008.

PARRAT-DAYAN, S. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, M. A. da Silva. **Indisciplina escolar: concepções dos professores e relações com a formação docente.** Campo Grande-MS. 2009.

REGO, T. C. R. **A indisciplina do ponto de vista dos professores e dos alunos.** In: Aquino, J.G (org). Indisciplina na Escola. 11 ed. São Paulo: Summus, 1996.



RODRIGUES, I. A. de A.; GOMES, M. M. C.; MARQUES, L. C. **O papel do professor na gestão da indisciplina em sala de aula no universo da adolescência.** 2012. Disponível em: <http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/5555/2808>

Acesso: 15 set. 2016.

SANTOS, E. F. dos; GIROTTI, M. T. Indisciplina em sala de aula: o jogo como instrumento metodológico para uma possível solução de uma problemática. **Trilhas Pedagógicas**, v. 3, n. 3, Ago. 2013, p. 119-142.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, L. L. **Indisciplina em sala de aula.** Rio de Janeiro, 2003.

TIBA, I. **Disciplina: o limite na medida certa.** São Paulo: Integreare Editora, 2013.

TORRES, R. **Indisciplina na Educação Superior.** In: SEMINÁRIO INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 4. Curitiba, 2006, Anais... Curitiba: UTP, 2008, p. 156-167.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

OLIVEIRA, M.M.; TORRES, G.M.C. Indisciplina Escolar: Um entrave para a Aprendizagem?. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Janeiro de 2017, vol.10, n.33, Supl 2. p. 347-362. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/01/2017

Aceito: 25/01/2017